

A expressão do futuro no português brasileiro contemporâneo

Juliana Bertucci BARBOSA
 Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa-UNESP-Araraquara, SP
 Bolsista CNPq

Resumo: Diferentes formas de expressar o futuro no português brasileiro foram analisadas num estudo comparativo das modalidades escrita e falada de linguagem. Verificou-se que os contextos formais e injuntivos favorecem as formas sintéticas, enquanto no discurso espontâneo, não-diretivo, as formas perifrásticas e o presente futurizado são preferidos.

Palavras-chave: futuro, formas perifrásticas, estilo

The expression of the future in contemporary Brazilian Portuguese

Abstract: Different means of expressing future tense in Brazilian Portuguese were analysed in a contrastive study of spoken and written language. Results showed that formal, conservative, and injunctive texts tend to favor synthetic future forms, whereas spontaneous, non-directive texts replace them with periphrastic and Simple Present forms.

Keywords: *future tense, style, periphrastic forms.*

1. Introdução

Estudos recentes sobre o Português Brasileiro (PB) têm demonstrado que as formas de Futuro do Presente do modo Indicativo, atualmente só ocorrem em contextos

muito específicos, estando restritas a textos altamente formais (cf. SILVA, 1997; MOTA, 1998, BARBOSA, 1999), de teor preditivo ou injuntivo. Nos demais casos, o futuro flexionado é substituído pelo presente do indicativo ou por perífrases, das quais a mais gramaticalizada é *ir + infinitivo*.

2. A expressão do Futuro

O Futuro possui uma noção virtual “derivada da impossibilidade de atribuímos valor-verdade à asserção no momento da enunciação de uma frase” (LONGO, 1990, p. 173). Os usos do Futuro, de modo geral, são:

- a) para indicar fatos certos ou prováveis posteriores ao momento em que se fala;
- b) para indicar uma situação posterior a outra no passado.

A diferença entre o Futuro do Presente e o Futuro do Pretérito está na simultaneidade. No Futuro do Pretérito o MR (Momento de Referência) não está vinculado a MF (Momento de Fala), como ocorre no Futuro do Presente (cf. Corôa, 1985)

Lyons (1981), afirma que o tempo é uma categoria dêitica, e a solução para o seu estudo é opor passado e não-passado. Para esse autor, o Futuro é uma questão mais de modo do que de tempo.

De acordo com Mira Mateus et al. (1983), se o “futuro” em uma língua não for gramaticalizado é discutível considerá-lo tempo, entretanto, se em outra língua for gramaticalizado, o “futuro” assume “sempre, associadamente a um valor temporal, um valor modal de não factuality”. (MATEUS, 1983, p. 119).

2. Estudos sobre a expressão do Futuro no PB

Como mencionamos no início deste trabalho, pesquisas recentes têm observado o baixo uso do Futuro do Presente (flexionada) no Português Brasileiro (PB). Entre essas pesquisas podemos citar a de Silva (1997), que analisou as formas futurizadas em amostra do português falado no PB.

Para seu estudo, Silva utilizou um corpus constituído de seis horas e meia de gravações, relacionadas a seguir:

- duas elocuições formais do projeto NURC
- onze conversas telefônicas
- um diálogo interativo
- quatro entrevistas
- programas de TV e rádio

É importante destacar que na montagem desse corpus, não houve preocupação com a estratificação por faixa etária, sexo, origem nem escolaridade, pois a análise não foi de base quantitativa. Entretanto, o autor aproveitou outros estudos estatísticos para fundamentar a sua pesquisa (SCHIFFRIN, 1981; BALEEIRO, 1988; BEZERRA; 1993; GRYNER, 1995).

Na análise de seu corpus, Silva verificou que as formas futurizadas perifrásticas e de presente com valor de futuro são as mais freqüentes no português falado. Para ele, a forma *ir + infinitivo* contém uma noção prospectiva amalgamada à de relevância do presente e estabelece um valor de posterioridade de natureza mais psicológica do que cronológica. Já o uso do presente do indicativo com valor de futuro vincula-se a uma dependência do evento futuro em relação a um fato presente.

Além disso, essas formas se realizam preferencialmente em situação comunicativa predominantemente comentadora e estão relacionadas com as modalidades epistêmicas (do conhecimento) e deônticas (da conduta).

O autor verificou também que o Futuro do Pretérito Simples, enquanto tempo, ocorreu muito pouco, sendo empregado em contextos narrativos em situação de discurso relatado.

O Futuro do Presente Simples revelou produtividade quase nula, o que levou Silva a rastrear as formas em *-re/ -ra* nos noticiários de TV e no programa radiofônico *A Voz do Brasil*, selecionando as ocorrências nos discursos de políticos e de juízes que julgava não estarem sendo lidos no momento da fala.

Os resultados do estudo levaram à conclusão de que o contexto de ocorrência das formas sintéticas se caracteriza pela formalidade e injunção. Os textos injuntivos, como se sabe, visam à prescrição de comportamentos. A atitude do falante é do querer, desejar, determinar. Entre as marcas lingüísticas estão modos e tempos verbais específicos, uso de vocativos e verbos performativos. A partir disso, Silva afirma que a forma sintética de futuro é formulaica. Rompe com o presente, apresentando-se como psicologicamente neutra, distante e imparcial.

Basílio et. al. (1996, p. 408), também verificaram, em estudo do corpus mínimo do Projeto NURC, que “no futuro do presente do indicativo, praticamente, só se registram formas compostas”. Em análise de seis inquéritos, os autores só encontraram duas formas sintéticas, ambas do verbo *ser*, ao lado de 82 ocorrências de futuro perifrástico.

Mota (1998) realizou pesquisa sobre as flexões verbais do português, aplicada a um corpus de textos escritos em prosa a partir da década de 50, abrangendo diferentes registros e estilos. Os textos fazem parte do banco de dados do Laboratório de Lexicográficos da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Campus de Araraquara. Mota pesquisou 71 verbos, tendo verificado que a porcentagem de ocorrência de Futuro do Presente Simples era inferior a 5%, nas diferentes modalidades estudadas. Tais resultados pareciam corroborar os de Silva e de Basílio et. al., evidenciando o desaparecimento do futuro enquanto flexão.

Tendo em vista os resultados obtidos nesses estudos, decidimos realizar uma comparação com amostras de língua escrita, com o intuito de verificar se as mesmas hipóteses se aplicam.

3. Montagem do Corpus

Partindo em vista a sugestão de Silva de que a tipologia textual e a sobreposição de valores modais poderiam atuar como condicionantes de diferentes formas de futuro, resolvemos montar um corpus, extraído do banco de dados do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras, Unesp de Araraquara, com o intuito de identificar fatores que pudessem afetar o uso das formas sob análise.

Como corpus analisado por Silva compunha-se de 673 KB, tentamos manter o mesmo total, distribuídos entre textos das seguintes modalidades de literatura: oratória, romanesca e dramática (novelas), escritos a partir da década de 90. Consideramos que a literatura oratória representaria o grau máximo de formalidade, a romanesca, o grau neutro e a dramática, a linguagem mais espontânea, que se aproxima da fala. Os resultados que apresentamos a seguir referem-se à literatura oratória.

O corpus correspondente à literatura oratória constituiu-se dos seguintes discursos:

- discurso de posse do presidente Collor (1990);
- discurso de posse do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995);
- discurso de abertura do Fórum Nacional sobre a reforma fiscal do senador

Mauro Benevides (1991);

- pronunciamento do ex-ministro das Relações Exteriores Celso Lafer: *A Inserção Internacional do Brasil* (1993);
- pronunciamento de Pedro Simon no Senado (1993);
- discurso do senador Pedro Simon dedicado a Ulisses Guimarães;
- discurso de posse do senador Gilberto Miranda no Senado (1990);
- carta-discurso do senador Mauro Benevides em homenagem a Darcy Ribeiro (1993);
- carta-discurso de posse de Darcy Ribeiro na Academia Brasileira de Letras (1993).

4. Resultados e Análise dos dados

Os dados da oratória aparentemente contrapuseram-se aos da língua falada, ao menos em termos quantitativos. Foram encontrados os seguintes meios de expressão do futuro:

Quadro I: Formas futurizadas encontradas em nosso corpus

Formas Futurizadas	Nº.	%
Futuro do Presente Simples	240	72 %
Futuro do Pretérito Simples	88	27 %
Futuro do Presente com <i>ir</i>	2	0,5 %
Presente Simples	2	0,5 %
Total	332	100 %

Cabe ressaltar que dessas ocorrências, três foram encontradas em citações dentro feitas nos textos pesquisados. Por exemplo, em (1), temos:

- (1) “Vou para a planície, mas não vou para casa. Vou morrer fardado, não de pijama”

Nesse trecho, o senador Pedro Simon usa, em seu discurso, uma frase de Ulisses Guimarães.

Como se vê, formas de presente com valor de futuro só ocorreram nessa citação (Vou para a planície, mas não vou para casa) e as formas de futuro perifrástico não apresentaram com índice significativo de ocorrências; uma também apareceu na citação em (1) – “Vou morrer fardado” – e a outra em discurso do senador Mauro Benevides.

A distribuição das formas ocorrentes pode ser visualizada na Quadro II, em que não foram computadas as formas de presente:

Quadro II: Número de OCORRÊNCIA DE FORMAS FUTURIZADAS NA ORATÓRIA

Pessoa / Tempo	-re / -ra	-ria	Ir
1^a	45	18	1
2^a	1	–	–
3^a	114	52	–
4^a	43	1	1
5^a	1	–	–
6^a	36	17	–
Total	240	88	02

Conclui-se que as formas sintéticas de futuro não somente ocorrem, mas também predominam, na modalidade estudada. Como se explica o alto índice de Futuro do Presente Simples nos textos analisados? A modalidade escrita, ao contrário da falada, ainda estaria reservando um lugar para essas formas? Não podemos esquecer que os dados de Mota conduziram a conclusões semelhantes às de Silva.

A nosso ver, uma série de fatores poderiam explicar os resultados a que chegamos:

(i) linguagem conservadora – segundo Borba et al. (1990: 1363), é na linguagem oratória que se apresenta, “com mais força e persistência, a norma pedagógica tradicional, isto é, a vinculação com o padrão documental da língua escrita em outros períodos da nossa história. É o gênero em que mais se evidencia a disciplina imposta pela gramática (...)”.

Vários estudos atestam que o português falado estaria em processo de mudança, com perda de sufixos e flexões (cf. DUARTE, 1995) e gramaticalização de auxiliares (CAMPOS, 1998 E LONGO, 1998). Por outro lado, o caráter conservador da modalidade oratória e a sua resistência à mudança já foi comprovado por Borba et al. e em outros

estudos, como, por exemplo, Longo (1996), podendo ser invocado como explicação para a manutenção das formas flexionadas.

(ii) grau de formalidade – Silva (1997) salientou que as formas futurizadas são mais usadas na fala informal e espontânea, enquanto as de Futuro do Presente ocorreram em contextos restritos, em situações formais de discurso injuntivo, que se aproxima do pólo da escrita e da norma gramatical. Como a linguagem oratória se caracteriza por alto grau de formalidade, é de se supor que favoreça as formas sintéticas.

(iii) tipologia textual – nos textos analisados, a atitude do falante é predominantemente comentadora em discursos argumentativos e diretivos, e a perspectiva textual é prospectiva, o que favorece o uso do futuro. Ex:

(1) *Vencerei ou falharei na medida em que esse desafio for enfrentado sem demora e sem trégua*

(2) *O Brasil tratará de ampliar e multiplicar as vias de entendimento e cooperação*

(iv) modalização – os discursos estudados caracterizam-se por veicularem as modalidades da certeza e da intenção, além de modalidades deônticas e expressão de hipóteses. A opção pela forma flexionada de futuro parece ter sido feita justamente para enfatizar a atitude prospectiva e um certo grau de distanciamento do falante em relação ao enunciado e ao ouvinte. É o que se pode perceber em exemplos como:

(3) *Jogarei tudo contra a inflação*

(4) *As opções que teremos que fazer pedem muito mais do que a elaboração de pausas diplomáticas bem formuladas*

Outro fato interessante revelado pelos dados, e que não pode ser desprezado na análise, é a alta frequência da primeira pessoa. Se considerarmos as ocorrências de singular e plural (107/332 ou 32 %), teremos uma frequência significativa, o que não é típico dos textos escritos. A segunda pessoa, porém, teve rendimento quase nulo, com

duas ocorrências em citações. Isso mostra que mesmo em contextos altamente formais e conservadores esta forma não é utilizada.

5. Considerações Finais

Concluimos, baseadas nesses resultados, que, embora em termos quantitativos os resultados da pesquisa sobre a linguagem oratória vão de encontro aos de Mota, para a linguagem escrita, e aos de Silva, para a falada, a análise qualitativa confirma as hipóteses aventadas por este último. Na oratória, utiliza-se o futuro sintético para conferir ao discurso um tom de solenidade, ou até mesmo de majestade, sinalizando o teor diretivo e formulaico desse tipo de texto.

Esta análise não é exaustiva nem definitiva. É preciso ainda examinar as produções romanescas, correspondentes ao grau neutro de formalidade, e as de literatura dramática, que consideramos ser a que mais se aproxima da linguagem falada. Além disso, pensamos que seria desejável complementar a análise dos tempos utilizados na modalidade oratória com um estudo dos verbos modais e da interação tempo/modo, a fim de verificar se determinados modais favorecem o uso do futuro flexionado. Outra questão a ser investigada é a do uso modal das flexões de futuro, que desde CAMARA JR (1970) já vem sendo apontado como mais freqüente do que o emprego temporal.

De qualquer forma, esperamos com esse estudo inicial ter demonstrado que a tipologia textual, o grau de formalidade e a modalização são fatores que afetam a produtividade das formas futurizadas na língua portuguesa.

6. Referências Bibliográficas

- BALEEIRO, M. I. A. *O futuro do presente do português culto falado no Brasil*. Dissertação de mestrado. Campinas, UNICAMP, 1988.
- BARBOSA, J. B. *O verbo no português contemporâneo do Brasil: aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos*. Relatório do projeto PIBIC/CNPq. m.s, 1999
- BASÍLIO, M. et al. Derivação, composição e flexão no português falado: condições de produção. Castilho, A. T. (org.) *Gramática do português falado. Vol III: as abordagens*. Campinas, EDUNICAMP, p. 363-432, 1996.
- BEZERRA, A. M. C. A forma em –ria na língua culta falada na cidade de São Paulo. *Cadernos de estudo lingüísticos*, 24, p. 179-330, 1993.

- BORBA, F. S. et al. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo, EDUNESP, 1990.
- CAMARA JR., Joaquim. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- CAMPOS, Odete G. L. A. S. Um aspecto da gramaticalização de auxiliares: a interveniência de elementos entre o auxiliar e a perífrase. *Veredas*, 2 (2), p. 77-83, jul/dez 1998.
- COROA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português: introdução a sua interpretação semântica*. Brasília: Thesaurus, 1985.
- CUNHA, C. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC, 1972.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio 'evite pronome' no português brasileiro*. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP, 1995.
- GRYNER, H. Graus de vinculação nas cláusulas condicionais. *Cadernos de estudos lingüísticos*, 28, p. 69-83, 1995.
- LONGO, B. N. O Perífrases temporais no português falado. *Veredas*, 2 (2), p. 9-24, jul/dez 1998.
- LONGO, B. N. O. *A auxiliaridade e a expressão do tempo em português*. Doutorado. Araraquara: UNESP, 1990.
- LONGO, B. N. O. et al. Uma abordagem constrativa do tempo verbal. *Alfa*, n.36, p.157-169, 1992.
- LONGO, B. N. O. *O substantivo em função adjetiva*. Relatório final de projeto de pesquisa trienal (1993-1996). ms, 1996.
- Longo, B. N. O. Perífrases temporais no português falado. *Veredas*, 2 (2), p. 9-24, jul/dez 1998.
- MATEUS, M. H. M. et. al. *Gramática da língua portuguesa*. 2ª ed. Coimbra: Almedina, 1989.
- MOTA, M. S. *O verbo no português contemporâneo do Brasil: aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos*. Relatório do projeto PIBIC/CNPq. m.s, 1998.
- SCHIFFRIN, D. Tense variation in narrative. *Language*, 57, p.45-62, 1981.
- SILVA, A. F. *A expressão da futuridade na língua falada*. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP, 1997.

Notas:

¹. Agradecimentos a Profª. Drª. Beatriz Nunes de Oliveira Longo (Universidade Estadual Paulista) que orientou esta pesquisa, fazendo ricas sugestões e correções